

Círculo de Cultura freireano aplicado à pesquisa participante

Ernande Valentin do Prado¹, Kátia Reis de Souza², Rosely Magalhães de Oliveira³

Resumo

Este artigo teve como objetivo discutir a aplicação do Círculo de Cultura como metodologia de pesquisa, bem como demonstrar o que ele apresenta de vantagens em relação a outras metodologias e problematizar o percurso utilizado para discutir as experiências e os saberes de suas apoiadoras institucionais da Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba, de modo que outros pesquisadores, se assim quiserem, possam utilizá-lo. A pesquisa, realizada no Estado da Paraíba (PB), teve a participação de 16 profissionais. Os resultados indicaram que o Círculo de Cultura é uma metodologia eficaz para a construção de conhecimento coletivo e a promoção do diálogo entre as participantes. No entanto, operacionalizar a metodologia exige conhecimentos, habilidades e rigorosidade científica. Conclui-se que o Círculo de Cultura consiste em uma metodologia profícua para a pesquisa participante no universo da saúde, porém exige um planejamento cuidadoso e a consideração de fatores, como a carga de trabalho das participantes e a disponibilidade de recursos.

Palavras-chave

Círculo de Cultura freireano. Pesquisa participante. Apoio institucional. Educação popular em saúde.

¹ Doutor em Saúde Pública pela Escola de Saúde Pública da Paraíba, Brasil. E-mail: ernande.prado@gmail.com.

² Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil; pós-doutoral em Psicologia pela Universidade do Porto, Portugal. E-mail: katia.reis@fiocruz.br.

³ Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil; professora na mesma instituição. E-mail: rosely.oliveira@fiocruz.br.

Freirean Culture Circle applied to participatory research

Ernande Valentin do Prado¹, Kátia Reis de Souza², Rosely Magalhães de Oliveira³

Abstract

This article aimed to discuss the application of the Culture Circle as a research methodology, as well as to demonstrate the advantages it offers compared to other methodologies and to problematize the process used to examine the experiences and knowledge of its institutional supporters from the Paraíba State Health Department, so that other researchers, if they wish, may use it. The study, conducted in the state of Paraíba (PB), Brazil, involved 16 professionals. The results indicated that the Culture Circle is an effective methodology for building collective knowledge and promoting dialogue among the participants. However, operationalizing the methodology requires knowledge, skills, and scientific rigor. It is concluded that the Culture Circle is a fruitful methodology for participatory research in the health field, but it demands careful planning and consideration of factors such as participants' workload and the availability of resources.

Keywords

Freirean Culture Circle. Participatory research. Institutional support. Popular health education.

¹ PhD in Public Health, School of Public Health of Paraíba, State of Paraíba, Brazil. Email: ernande.prado@gmail.com.

² PhD in Public Health, Oswaldo Cruz Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; postdoctoral degree in Psychology, University of Porto, Porto District, Portugal. Email: katia.reis@fiocruz.br.

³ PhD in Public Health, Oswaldo Cruz Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; professor at the same institution. Email: rosely.oliveira@fiocruz.br.

Introdução

O Círculo de Cultura, tal qual o conhecemos hoje, é uma metodologia de aprendizagem aplicada em diferentes locais do mundo. Ele foi sistematizado por Paulo Freire a partir de diferentes ideias e projetos populares coletivos que, nos anos 1960, foram desenvolvidos por diferentes grupos sociais (Brandão, 2008). Inicialmente aplicado à alfabetização de adultos, foi sendo adaptado, ao longo do tempo, para diferentes contextos: educação fundamental, básica, técnica, universitária; em ações formais – por dentro do Estado e por fora –; em iniciativas dos movimentos sociais populares e em ações políticas específicas. Atualmente, não se restringe a modalidades específicas, nem a estratégias focais, como a alfabetização rural ou à Educação a Distância (EaD). Trata-se de uma abordagem ampla que pode/é empregada simultaneamente em diferentes modalidades de ensino, pesquisa e extensão.

Nesse contexto, Beisiegel (1986) defende que o “Método Paulo Freire” é comprometido com a mudança social. Puiggrós (1994), por sua vez, complementa mencionando que a educação popular – outra forma de se referir ao Método Paulo Freire – representa uma posição política e pedagógica, além de um compromisso com o povo diante de suas necessidades educativas, o que corrobora Vasconcelos (2011).

O Círculo de Cultura, como perfeita tradução da educação popular, não se molda a uma investigação asséptica, com pretensões de neutralidade científica e política, sem personalidade e genérica, mas a um tipo de pesquisa que Brandão (2006) intitula como “engajada”. Nesse sentido, Oliveira (2018) acrescenta que ela produz conhecimentos de um lugar determinado. A preocupação com a forma de fazer, sem descuidar do conteúdo, soma-se à necessidade de dar visibilidade às situações vivenciadas e às pesquisandas, como elaboradoras de saberes emancipatórios.

Freire (2021c) diz que, no Círculo de Cultura, não é suficiente a aprendizagem da leitura e da escrita; por isso, em sua aplicação à pesquisa, não basta chegar aos resultados propostos. Importa o *como* e o *com quem*, representando transparência e democratização das relações entre quem pesquisa e quem é pesquisada, além de fomentar a produção compartilhada de conhecimentos.

Na literatura, o Círculo de Cultura ganhou diferentes nomes para sinalizar essa nova aplicação, como “Círculo Epistemológico” (Romão *et al.*, 2006), “Círculos Dialógicos Investigativo-formativos” (Toniolo; Henz, 2017) ou “Itinerário de Pesquisa de Paulo Freire” (Heidemann *et al.*, 2017), entre outros.

Se, em *Pedagogia do oprimido*, Freire (2021c) afirma que ninguém educa ninguém, assim como ninguém educa a si mesmo, mas educa-se em comunhão uns com os outros, mediatizados pelo mundo, agora podemos afirmar que, atualmente, não deve haver distinção significativa entre pesquisadora e pesquisanda: as pessoas pesquisam em comunhão e produzem conhecimentos coletivamente.

Desde sua origem no Movimento de Cultura Popular (MCP), o Círculo de Cultura destaca-se por sua natureza participativa e dialógica. Ao contrário de metodologias tradicionais, que impõem conteúdos pré-definidos, no Círculo de Cultura valoriza-se a experiência e o conhecimento prévio dos participantes. Conforme Freire e Betto (1994), o início surge na leitura do mundo, ou seja, na capacidade dos sujeitos de decodificar a realidade a partir de suas vivências. Essa leitura crítica permite a construção de um conhecimento coletivo transformador, que desafia as estruturas de poder e promove a emancipação humana.

Neste artigo, o objetivo principal foi discutir a aplicação do Círculo de Cultura como metodologia de pesquisa, bem como demonstrar o que ele apresenta de vantagens em relação a outras metodologias e problematizar o percurso utilizado para discutir as experiências e os saberes de suas apoiadoras institucionais da Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba, de modo que outras pesquisadoras, se assim quiserem, possam utilizá-lo.

Na investigação original, base para este artigo, as mulheres representam 80% das “pesquisandas” – termo que será usado para designar as co-pesquisadoras (Prado, 2025). Por isso, sempre que nos referirmos a elas e às trabalhadoras e trabalhadores da saúde, usaremos o termo no feminino, representando também os trabalhadores da saúde masculinos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (CEP/ENSP/Fiocruz), sob o Parecer n.º 6.076.091/2023, e apresentada como tese de doutorado, demonstrando a relevância da metodologia do Círculo de Cultura para a compreensão das experiências e dos saberes das apoiadoras institucionais.

Pesquisa participante e o Círculo de Cultura

Inicialmente, Brandão (2006, p. 15), ao discutir a tradição latino-americana de pesquisa participante, afirma que ela “tende mais a uma diversificação de procedimentos e técnicas do que a um só modelo doutrinário”. Segundo ele, não importa qual nome receba; todas são, de alguma forma, praticadas por militantes de movimentos sociais voltados à educação popular. Com essa compreensão, foi pensado o Círculo de Cultura como uma metodologia de pesquisa participante no presente estudo. Romão *et al.* (2006), Toniolo e Henz (2017) e Heidemann *et*

al. (2017), entre outros, entendem que o Círculo de Cultura atende aos critérios para ser reconhecido como método de pesquisa participante.

Por outro lado, é necessário refletir se a intencionalidade da pesquisa participante – em seu aspecto democrático, revolucionário, de superação do posicionamento sujeito-objeto e construção de uma relação mais civilizada na pesquisa, sendo sujeito-sujeito, de não diretividade, de evitar a doutrinação, de partilhamento de pressupostos e objetivos – é somente utopia ou é possível de se realizar.

Certamente, há diferentes graus para a realização dessa participação na pesquisa, mas acreditamos que isso varia de uma pesquisa para outra, embora, de um modo geral, ainda haja muito o que avançar nesse “fazer participante”, como concorda Brandão (2006, p. 20) ao afirmar que existirá – e não que existe – uma participação “social e politicamente equivalente e igualada [entre as pessoas e grupos envolvidos com os] processos de criação social de conhecimentos”.

Por fim, a pesquisa participante ocorreu, nos limites possíveis, com as apoiadoras institucionais, apesar das condições concretas ainda desfavoráveis.

A aplicação do Círculo de Cultura na pesquisa

No decorrer do tempo, o Círculo de Cultura recebeu diferentes nomes em diversas aplicações, como “Círculo Epistemológico” no estudo de Romão *et al.* (2006). Essa nomenclatura auxilia a diferenciar a aplicação na alfabetização e na pesquisa, na qual o pesquisando é considerado sujeito e não objeto de curiosidade epistemológica. Como afirmam Romão *et al.* (2006, p. 177), “pesquisadoras e pesquisandas são sujeitos da pesquisa e, enquanto pesquisam, são pesquisadas; e, enquanto são investigadas, investigam”.

Trabalhar com essa metodologia implica renunciar a pressupostos, hipóteses e temas pessoais de pesquisa em favor das escolhas coletivas dos sujeitos, que não são mais simplesmente pesquisadas. Nessa perspectiva, a pesquisadora se identifica melhor como uma coordenadora e provocadora, percebendo convergências e divergências dos diferentes pontos de vista que surgem no grupo (Romão *et al.*, 2006).

Nesta pesquisa, optamos por nomear a metodologia exatamente com seu nome original, respeitando ao máximo seus movimentos e somente transpondo-os à pesquisa e a uma finalidade diferente da alfabetização, mas ainda calcada na ideia de promover autonomia e empoderamento dos sujeitos.

Com isso, consideramos a noção de Freire (2021b) de que a pesquisa e a educação se identificam de forma permanente e dinâmica no movimento. Essa escolha reflete uma opção radical em favor dos sujeitos da base da pirâmide social. Ainda vale ressaltar que, como Freire (2021b) aponta, não é do interesse dos detentores do poder – sejam eles capitalistas ou seus representantes nos serviços que deveriam ser públicos e democráticos – que as oprimidas participem da construção do saber.

No Círculo de Cultura, respeita-se a palavra da pesquisanda, seu ponto de vista e sua história. A partir disso, constroem-se coletivamente as temáticas a serem investigadas. Parafrazeando Freire (2021c), não é o nosso papel falar ao povo sobre nosso ponto de vista do mundo, nem tentar impô-lo, mas dialogar sobre o seu ponto de vista e o nosso. Com esse princípio fundante, trabalhamos com as apoiadoras institucionais da gestão da Secretaria de Estado da Saúde/Escola de Saúde Pública da Paraíba (SES/ESP-PB), envolvendo-as na investigação. A ideia inicial foi compreender, a partir do diálogo e da problematização, os conhecimentos e saberes com base em suas próprias experiências.

Buscou-se preservar o maior grau possível de autonomia, aceitando, porém, que autonomia absoluta e irrestrita não é possível nem desejável em uma coletividade. Além disso, cabe questionar: “É viável realizar um processo de formação totalmente espontâneo, dispensando coordenação, preparação e até um projeto orientador?”. Nesse horizonte, Beisiegel (1989, p. 177) afirma que “é próprio do pedagogo (que, ao contrário do cientista social, não pode restringir-se à constatação e interpretação do que se passa na realidade, mas precisa identificar fins para a tarefa educacional) indicar uma direção, uma finalidade”.

De modo geral, a pesquisa não iniciou exatamente no Círculo de Investigação Temática, porque convivi com a maioria das apoiadoras desde 2018 até o fim do projeto, em dezembro de 2023. Portanto, em analogia, é possível dizer que a maior parte do trabalho de investigação do universo vocabular e da temática já estava pronta ou facilitada, seja pela convivência, seja pelo acúmulo de documentos sistematizados, conforme preconizado por Holliday (2006).

A escolha do Círculo de Cultura como metodologia para esta pesquisa está fundamentada na sua capacidade de promover a construção coletiva do conhecimento. Ao invés de uma abordagem individual e centrada no pesquisador, o Círculo de Cultura valoriza a participação ativa dos sujeitos envolvidos, permitindo que eles identifiquem e discutam os problemas e as soluções colaborativamente. Essa perspectiva se alinha com os princípios da Educação Popular em Saúde, cujo objetivo é fortalecer a autonomia e a capacidade de ação das pessoas. Ao adotar essa metodologia, a pesquisa contribui para a construção de um

conhecimento mais relevante e significativo para as trabalhadoras do Sistema Único de Saúde (SUS).

A experiência real

O processo completo de pesquisa foi desenvolvido em quatro Círculos de Cultura, conjuntamente com a análise de todo o material coletado:

- Primeiro Círculo – Investigação Temática;
- Segundo Círculo – Codificação/Descodificação;
- Terceiro Círculo – Apresentação de Trajetória Pessoal;
- Quarto Círculo (Virtual) – Complementação da Codificação/Descodificação.

Ocorreu ainda, de forma transversal e simultânea, a Análise Temática freireana (ATf).

Cada Círculo de Cultura durou aproximadamente quatro horas. Eles foram realizados durante as atividades de Educação Permanente em Saúde (EPS) na cidade de João Pessoa/PB, entre julho e novembro de 2023. O Círculo “Apresentação de Trajetória Pessoal” foi acrescentado devido à finalização do projeto em dezembro de 2023, surpreendendo todas as trabalhadoras. Enquanto isso, o Círculo (Virtual) foi acrescentado para complementar a codificação/descodificação, pelo mesmo motivo e pela impossibilidade de reencontrar o grupo pessoalmente.

O convite para participação na pesquisa foi realizado logo após a aprovação pelo CEP/Fiocruz, conforme Parecer n.º 6.076.091, em 24 de maio de 2023, e seguiu os critérios da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Além disso, a pesquisa não foi financiada por agências de fomento.

Na ocasião, as participantes receberam um formulário via plataforma *Google* para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), oficializando sua participação. Junto ao convite, elas receberam orientações para “escolher uma forma de manifestação cultural que simbolize um momento importante vivenciado em seu trabalho no apoio institucional”.

A manifestação cultural escolhida poderia ter a forma de música, desenho, fotografia, objeto, texto, entre outras. Esse procedimento evoca as situações existenciais vividas e existia no Círculo de Cultura original de Paulo Freire, mas foi adaptado para a situação específica desta

pesquisa. Segundo Beisiegel (1989, p. 183), esse procedimento era realizado a partir de projeções de figuras, previamente selecionadas a partir da tematização, e utilizadas para provocar parte das problematizações. A partir da figura, questionava-se: “O que é que nós estamos vendo aí, nesse quadro?”. Ademais, Yin (2005) descreve procedimento semelhante em estudos de caso que levam o nome de “artefatos físicos” e têm o propósito de subsidiar os achados empíricos.

No primeiro Círculo, as pesquisandas indicaram os temas a serem aprofundados nos encontros seguintes. Por essa razão e com a intenção de interferir o mínimo possível, o coordenador da pesquisa e da equipe não participou do processo, que foi conduzido por Paulo⁴, membro da equipe experiente na metodologia freireana.

Os temas que emergiram dos Círculos de Cultura foram: “Comprometimento”, “Estratégia Metodológica”, “Fragilidade do Vínculo Empregatício”, “Bombeiros” e “Construção do Vínculo”. É importante destacar que esses temas haviam sido mencionados pelas participantes durante os encontros rotineiros em eventos anteriores ao início da investigação e, por essa razão, já vieram analisados, bastando apenas sistematizar e aprofundar a análise. Para garantir a maior fidelidade possível às falas das participantes, os encontros foram gravados em vídeo, e os arquivos foram disponibilizados on-line para que as pesquisandas revisassem e complementassem as informações. Essa estratégia permitiu uma validação consensual dos dados e garantiu a construção de um conhecimento mais preciso e relevante.

De modo geral, todos os Círculos de Cultura seguiram a mesma organização, com alterações insignificantes: acolhimento; problematização a partir de uma música (utilizada como aquecimento); introdução temática e espaço de fala inicial; discussão do tema principal; trabalho em grupo (apenas no primeiro Círculo); intervalo; e, por fim, avaliação do encontro.

Com antecedência de 30 minutos para o final do encontro, era realizada uma avaliação por escrito com a seguinte questão: “O que descobri sobre o apoio institucional e sobre mim mesma, neste Círculo de Cultura, que ainda não tinha me dado conta?”. Em seguida, a coordenação oferecia a oportunidade de as apoiadoras se expressarem verbalmente sobre o encontro, e todas assim o fizeram, como rotineiramente acontecia. Durante as avaliações, surgiu a proposta de realizar o Círculo de “Apresentação de Trajetória Pessoal” e o Círculo (Virtual) para complementar a codificação/descodificação.

⁴ Todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios.

Facilidades e dificuldades na utilização do Círculo de Cultura na pesquisa

Ao explorar as nuances do Círculo de Cultura nesta pesquisa, é fundamental considerar uma de suas principais qualidades: a maleabilidade, que desempenha um papel importante em sua aplicação. Freire e Faundez (2013) destacam a primazia do contexto sobre a metodologia, tornando essencial aprofundar nossa reflexão sobre os limites e o significado da flexibilidade e do contexto, pois ambos influenciam a aplicação metodológica e podem determinar a legitimidade ou não do processo de investigação.

Como ensina Paulo Freire, o contexto deve ser priorizado, sendo ainda mais relevante ao pensar em uma pesquisa participativa. Para conectar teoria e prática, além de ilustrar como uma flexibilidade excessiva pode comprometer a fidedignidade, imaginemos uma roda de conversa em um auditório com cadeiras fixas – a viabilidade ou validade de realizar uma ação em determinado ambiente depende do contexto, dos objetivos e das características do próprio ambiente. Então, será viável realizar a roda de conversa em um auditório com cadeiras fixas?

Apresento esse exemplo simples, mas representativo de determinadas condutas e entendimentos, não para negar a importância do contexto, da flexibilidade e da necessidade de recriar a metodologia sempre que for utilizada, mas para problematizar possíveis distorções que possam surgir a partir da interpretação acrítica do contexto, do que pode ou não ser flexibilizado, sob pena de desfigurar a metodologia.

Não me parece viável, por exemplo, realizar uma roda de conversa em um auditório no qual as cadeiras são fixadas em uma posição que impede a formação da roda. O exemplo é simplista, mas há situações mais complexas. Já ouvi pesquisadoras defenderem, ao trabalharem com princípios freireanos, ser possível escolher os temas a serem abordados tanto na pesquisa quanto na formação, sem a participação da comunidade.

Pode-se argumentar que Paulo Freire previu e até recomendou, em *Pedagogia do oprimido* (2021c), que os educadores e as educadoras incluíssem temas chamados por ele de “dobradiças”. Contudo, esses temas são desdobramentos, uma vez que não surgem isolados nem substituem os indicados e descobertos na investigação temática.

Ao considerar o planejamento, realizado a partir da leitura do contexto, é essencial reconhecer que, quando há muitas mudanças, especialmente na metodologia, é preciso questionar se o rigor necessário foi seguido. Alterações pontuais são desejáveis por demonstrarem criatividade frente a situações imprevistas. No entanto, mudanças frequentes podem desfigurar a metodologia, comprometer seus princípios e levantar questionamentos quanto aos resultados. Esse é um problema comum em qualquer pesquisa, porém mais crítico

quando aplicado à metodologia freireana, uma vez que o contexto pode ser frequentemente utilizado como pretexto para a falta de rigorosidade ou de habilidade na operacionalização, descredibilizando a abordagem.

Freire (2021c) ressalta a necessidade da “rigorosidade metódica” para o processo de pesquisa e educação de caráter participativo. Segundo ele, existem ações essenciais ao processo coletivo de produção do conhecimento, principalmente “reforçar a capacidade crítica dos participantes, sua curiosidade e insubmissão” (Freire, 2021c, p. 28). A verdadeira democracia pedagógica consiste em ajudar as pessoas a criarem e recriarem sua autonomia de pronunciar a própria palavra e, assim, realizarem a transformação de si mesmas e do mundo.

Estudos de Gouveia (2000), Romão *et al.* (2006), Monteiro (2007), Martins (2009), Heidemann *et al.* (2017) e Toniolo e Henz (2017) consolidam o Círculo de Cultura como eficaz para a pesquisa qualitativa e participativa. As autoras demonstram a metodologia sendo capaz de se adaptar a diferentes contextos e grupos sociais, permitindo a obtenção de conhecimentos aprofundados sobre as experiências estudadas. Além disso, elas destacam a legitimidade dos dados produzidos e a possibilidade de descobrirem novos caminhos de investigação.

Na alfabetização de adultos, o Círculo de Cultura nunca foi apenas eficaz para o ensino da leitura e da escrita. Freire (2021a) alertava, nesse horizonte, que a alfabetização de adultos é um ato político e de conhecimento, por isso mesmo um ato criador que não pode ser reduzido pura e simplesmente ao ensino das sílabas, palavras e frases. Logo, é coerente afirmar que o Círculo de Cultura, na pesquisa, não é uma ferramenta a ser aplicada de forma isenta e com pretensões de neutralidade científica. Trata-se de uma metodologia preferencialmente participativa e engajada, comprometida com as causas e com os direitos da população, como discutido por Vasconcelos (2011) ao enfatizar a educação popular em saúde como uma forma diferenciada de conduzir os processos educativos e próprios à vida.

Na pesquisa, torna-se inseparável a noção de que, ao pesquisar, contribuimos para a tomada de consciência crítica tanto de pesquisadoras quanto de pesquisandas. Ao nos conscientizarmos, pesquisamos para melhor compreendermos e retroalimentarmos essa conscientização. Assim, pesquisadoras e pesquisandas ampliam sua consciência crítica e percebem que não basta apenas conhecer situações-limite, sendo necessário construir inéditos viáveis de forma compartilhada, cada um assumindo parte das responsabilidades com o grupo.

Heidemann *et al.* (2017) afirmam que o Círculo de Cultura é uma metodologia eficaz que possibilita reflexões coletivas sobre a realidade e a identificação de intervenções necessárias. Por meio da ação-reflexão-ação sobre suas histórias, as participantes se conscientizam e fortalecem-se. Enquanto isso, Toniolo e Henz (2017) entendem que o processo

de pesquisa e construção do conhecimento ocorre na relação com as outras, desafiando as participantes a se reconhecerem, por meio da participação dialógica, como coautoras dos resultados.

Desafios e possibilidades da pesquisa participante a partir do Círculo de Cultura

Frequentemente, o que denominamos “participante” se restringe à mera intencionalidade, enquanto a operacionalização compete à pesquisadora. Toniolo e Henz (2017) relatam ser possível resolver essa situação por meio do Círculo de Cultura – o que os resultados desta investigação não corroboram. Monteiro e Vieira (2010), bem como Romão *et al.* (2006), também associam o Círculo de Cultura à pesquisa participante, o que de fato é, embora ainda apresente as mesmas dificuldades que outras metodologias participativas. Como apontado por Brandão (2006), a dificuldade de implementar a pesquisa de forma coletiva e garantir a participação efetiva das envolvidas é um obstáculo que parece comum.

A pesquisa foi concebida para ser um processo colaborativo, no qual as apoiadoras deveriam participar ativamente de todas as etapas, desde a definição dos temas até a escrita do relatório final. Para tanto, estender-se-ia até 2025, de forma a integrar as atividades de pesquisa ao cotidiano delas, evitando sobrecarregá-las com trabalhos extras para além do horário de expediente. No entanto, o encerramento antecipado do projeto de apoio institucional da gestão da SES/ESP-PB, ocorrido em dezembro de 2023, limitou a participação das apoiadoras à fase de coleta de dados. Esse foi, portanto, um limite concreto que não conseguimos ultrapassar. No entanto, questionamos se incorporar a pesquisa ao dia a dia das trabalhadoras, sem que elas precisassem trabalhar fora de seu expediente – mesmo que apenas na fase de coleta de dados – , pode ser considerado um inédito viável ou não.

A participação, após dezembro de 2023, limitou-se a comentários no arquivo on-line, discussões no grupo de *WhatsApp* e sugestões pontuais, o que foi valioso, mas evidentemente pouco, dadas as pretensões iniciais e o preconizado na pesquisa participante. Algumas manifestações, ainda que simples, foram significativas, como na metáfora do apoio institucional como um jardim, conversada no grupo de *WhatsApp*:

Me senti tocada pela metáfora do jardim. É muito forte, pois meu pai é sinônimo de trabalho e força. Ele é jardineiro e sabe quando dosar essa força, na delicadeza do processo de florescer e plantar (Licélia, 2025).

Bom dia! Dei uma lida agora há pouco, gostei e achei lindo. Retrata muito bem a nossa forma de ser apoio (Marina, 2025).

Queria dizer que me senti importante e valorizada com suas palavras [...]. É de fato o real sentido do apoio. Às vezes, o desânimo vem, mas sempre conseguimos enxergar algo bom em meio a qualquer situação, e isso nos faz seguir firmes (Lucimar, 2025).

A perspectiva de que as pesquisandas se tornem verdadeiras coautoras, compartilhando responsabilidades, benefícios e reconhecimento, é um ideal ainda distante na realidade das instituições acadêmicas. A diferença nas condições de trabalho e nos benefícios entre pesquisadoras e participantes, como a remuneração e a atribuição de títulos, limita a efetiva implementação e a construção de parcerias mais equitativas, além de comprometer a possibilidade de que os conhecimentos produzidos sejam verdadeiramente compartilhados.

Essa desigualdade, entre outras, não somente limita a participação efetiva das pesquisandas, mas compromete a qualidade da pesquisa, uma vez que as diferentes perspectivas e experiências delas poderiam enriquecer significativamente a análise dos dados e o resultado final. Para superar esse desafio, é necessário repensar as práticas de pesquisa e promover a valorização do conhecimento produzido em parceria com as comunidades.

Embora a realização do Círculo (Virtual) tenha sido necessária como alternativa, os resultados obtidos foram menos satisfatórios quando comparados aos encontros presenciais. Essa constatação corrobora com as reflexões de Moreira e Schlemmer (2020) e Castro e Prado (2020), que enfatizam a importância da presencialidade para a construção de relações interpessoais e a profundidade das discussões. Schlemmer e Lopes (2012), por sua vez, destacam que a ocupação dos espaços digitais, embora ofereça novas possibilidades de interação, não substitui a experiência da educação presencial, marcada pela presença física e emocional.

Diálogos como este, ocorrido em 2025, ao final do Círculo (Virtual) de Cultura, são exemplares dessa diferença:

Coordenador: *Vocês consideram que a gente atingiu o objetivo, que era aprofundar as temáticas, que a gente apontou lá no encontro de investigação?*

Ari: *Sinto que sim.*

(Várias pessoas respondem balançando a cabeça e falando que sim).

Coordenador: *Sentiram falta de alguma coisa?*

Gláucia: *Da roda.*

Janáina: *Eu senti falta de olhar para vocês, todos com as câmeras desligadas. Às vezes, a gente gosta de olhar para ver as expressões faciais de vocês. Isso [...] senti um pouco de falta [...].*

Coordenador: *No presencial, eu ficava olhando no vídeo e era muito legal e muito engraçado... um falando e o outro concordando com a cabeça ou discordando. A Lucimar levantava os braços, indignada.*

Janáina: *Senti falta da voz de Estela, não escutei Antônio.*

Coordenador: *Estela está sem microfone.*

Além dessas falas, podemos acrescentar que, durante o Círculo (Virtual) de Cultura, a interação e o diálogo entre o grupo eram pequenos, com longos períodos de silêncio que dificultavam a noção exata dos sentimentos: desinteresse, exaustão, saturação do tema ou dificuldades técnicas.

A experiência vivenciada junto às apoiadoras reforça a constatação de que o volume de informações e saberes produzidos no Círculo de Cultura é significativamente maior do que em uma conversa direcionada entre duas pessoas, como ocorre em uma entrevista tradicional. Por meio do diálogo no Círculo de Cultura, envolvendo todas as participantes, é possível apreender não somente os conhecimentos previamente planejados, como também aqueles inesperados, capazes de enriquecer a pesquisa e melhorar a compreensão dos diferentes contextos e saberes.

A redundância das falas, as conversas paralelas e as histórias aparentemente não relacionadas, assim como gestos, sinais de concordância ou discordância, momentos de silêncio e emoções – como choros, risos, irritação e impaciência –, frequentemente descartadas em metodologias tradicionais, ganham novos significados no Círculo de Cultura. Esses elementos permitem compreensões aprofundadas não somente do que é verbalizado, mas do que se deseja comunicar e do que se pretende silenciar, oferecendo *insights* valiosos para entender as dinâmicas do grupo.

Compreender o significado de cada elemento – entonações, gestos, interações entre as pessoas – ressignifica a compreensão das falas e representa parte das análises possíveis. Todos

esses aspectos evidenciam que a riqueza de dados gerada pela pesquisa, por meio do Círculo de Cultura, supera a obtida em grupos focais ou em entrevistas tradicionais. Trata-se, portanto, de uma abordagem abrangente que permitiu compreender melhor as complexas relações envolvidas no contexto de vida e trabalho da apoiadora.

Romão *et al.* (2006, p. 184-185) mencionam essas e outras vantagens do Círculo de Cultura em comparação com as metodologias tradicionais:

a) Conjuga técnicas consolidadas de coleta de dados (entrevista coletiva semiestruturada, discussão de grupo e observação participante), para produzir dados no espaço grupal de forma dinâmica, dialógica e interacional; b) Apropria-se dos mais variados instrumentos e procedimentos adotados na pesquisa qualitativa; c) Levanta maior quantidade de dados da realidade, graças ao trabalho conjunto; d) Facilita a organização dos dados para análise e permite sua validação no próprio pesquisado; e) Identifica informações mais variadas, considerando que sujeitos de diferentes visões de mundo iluminam, com seu olhar, aspectos diferentes dos dados; f) Permite lições de abismo mais profundas, por causa do sujeito transindividual; g) “encharca” de sensibilidade, mediada pelo diálogo respeitoso (por sua vez, fundado na escuta sensível), as unidades de conhecimento, construindo um outro tipo de (cons)ciência omilateral, que não deriva apenas da racionalidade científica, mas também de outras formas de representação humana da realidade.

Heidemann *et al.* (2017), com experiência em Círculo de Cultura desde 1994, atestam a eficácia dessa metodologia em fomentar o pensamento crítico e a conscientização. Ao valorizar o diálogo e a interação entre os participantes, o Círculo de Cultura se configura como um dispositivo pedagógico fundamental para a pesquisa participante, alinhando-se aos princípios da educação popular em saúde, conforme discutido por Vasconcelos (2011). Essa metodologia promove a reflexão crítica sobre a realidade e a construção coletiva de saberes, contribuindo para a emancipação social.

Análise Temática freireana (ATf) no Círculo de Cultura

Segundo Minayo (2010), existem diferentes formas de analisar dados qualitativos, como a análise de conteúdo, a análise do discurso, a análise temática, a hermenêutica-dialética, entre outras. No entanto, o Círculo de Cultura aplicado à pesquisa apresenta possibilidades que se desdobram em um método completo e único para coleta, análise e formação, sendo altamente coerente com a pesquisa participante, pois se pretende uma investigação formativa, além dos outros aspectos já mencionados.

Conforme Brandão (2006, p. 23), a pesquisa participante “é um instrumento dialógico de aprendizado partilhado e, portanto, como vimos, possui organicamente uma vocação educativa e, como tal, politicamente formadora”. Freire (2023), por sua vez, menciona não haver pesquisa sem ensino nem ensino sem pesquisa.

Assim sendo, a ATf constitui um elemento intrínseco da metodologia do Círculo de Cultura, tanto na alfabetização de adultos quanto na pesquisa. Como proposto por Freire (2021c), ela ocorre especialmente na fase de investigação das palavras geradoras ou dos temas. Adaptada e aplicada nesta pesquisa, ela permeia todas as etapas do estudo, possibilitando a identificação e a problematização dos temas geradores que emergiram das experiências e saberes dos participantes.

A ATf, em sua essência, segue os mesmos princípios do Método Paulo Freire de alfabetização de adultos, porém adaptados à realidade da pesquisa. As falas e frases são submetidas às seguintes problematizações:

- O que essa palavra/fala quer dizer aqui?
- O que essa frase quer dizer?
- Há algum sentido oculto em sua aparência?
- Há concordância ou discordância com outras ideias?

A ATf ocorre simultaneamente à coleta dos dados e à produção de conhecimento, assim como pode ser – e de fato é – realizada de forma coletiva, destacando-se como uma de suas principais vantagens. Nesta investigação, os temas começaram a ser captados no acolhimento do encontro – a indicação dos temas permeou tanto a discussão da música quanto a apresentação do artefato cultural –, seguindo com a indicação explícita durante o trabalho em grupo e discutidos por todo o círculo.

Ao discuti-los, no Círculo de “Investigação Temática”, começou-se a fazer o diagnóstico coletivo das situações existenciais do próprio grupo, desvelando suas situações-limite e entendendo melhor as necessidades e as possibilidades de transformar aquela realidade. Esse é o primeiro nível da ATf.

No segundo nível, a ATf se desenvolveu durante a escuta repetida das gravações dos Círculos de Cultura, na leitura; na correção e pontuação das frases transcritas; no agrupamento temático; na checagem dos documentos sistematizados pela coordenação; e na apresentação dos resultados para validação do grupo.

No terceiro nível, após buscar os diferentes sentidos revelados por suas partes, começou-se a recompor o todo e produzir uma síntese para conferir e comparar com outras pesquisas e publicações, no sentido de verificar semelhanças e dissensos. Os temas foram decompostos em seus diferentes sentidos (e, deles, surgiram as situações-limite), indo do abstrato ao concreto, como explica Freire (2021c).

O quarto nível de análise ocorreu após a coleta dos temas e a codificação/descodificação, aproximando-se das análises temáticas tradicionais em pesquisa. O objetivo foi comparar os significados atribuídos pelo grupo com os documentos sistematizados pela coordenação do apoio institucional, além dos resultados de outras pesquisas, corroborando, refutando ou evidenciando a singularidade do processo.

É interessante observar que, no Círculo, a formação e a análise ocorrem quase que simultaneamente. Nesta pesquisa, a ATf iniciou-se no Círculo de “Investigação Temática”, quando as próprias pesquisandas elegeram os temas de interesse do grupo, ou seja, ocorreu na camada de levantamento de informações que subsidiou as discussões. Freire (2021c) argumenta que a investigação temática ocorre no domínio humano, sendo a busca pelo conhecimento e pela criação, na qual os sujeitos descobrem os temas significativos encadeados e interpenetrados nos problemas.

Considerações finais

O Círculo de Cultura, enquanto metodologia de pesquisa, envolve as pesquisandas no processo investigativo, promovendo uma participação ativa e não somente como informantes. Usando a ATf a partir das tecnologias digitais, as pesquisandas contribuíram com a análise dos resultados, mesmo considerando as limitações apresentadas. Assim, conclui-se que o Círculo de Cultura deve ser aplicado com coerência e em conformidade com os princípios éticos do pensamento freireano, o que garante que as condições específicas do contexto não comprometam a integridade da abordagem crítica.

Por fim, a análise dos materiais de pesquisa não deve ser feita apressadamente: é importante fazer o exercício de leitura, releitura, e novamente leitura e releitura, tanto daquilo já produzido quanto das anotações e dos textos originais. Além disso, não se deve importar em descartar, acrescentar e mudar o que já foi produzido em um período de tempo suficiente para as ideias florescerem. Assim, como nas palavras de Freire, deve-se “descobrir os elementos teóricos que brotam da própria prática” (Freire, 2021c, p. 101).

Referências

BEISIEGEL, C. D. R. Ensino público e educação popular. *In*: PAIVA, V. P. (org.). **Dilemas e perspectivas da educação popular**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 147-159.

BEISIEGEL, C. R. **Política e educação popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

BRANDÃO, C. R. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa**: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

BRANDÃO, C. R. Método Paulo Freire. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 263-264.

CASTRO, R. F.; PRADO, E. V. Educação popular online: a experiência do Curso de Especialização em Saúde da Família da UFPel. *In*: PARO, C. A.; LEMÕES, M. A. M.; PEKELMAN, P. (org.). **Educação popular em saúde**: educação popular e a (re)construção de horizontes formativos na saúde. João Pessoa: CCTA, 2020. p. 133-154.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 52. ed. São Paulo: Cortez, 2021a.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021b.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021c.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 77. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021c.

FREIRE, P.; BETTO, F. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 14. ed. São Paulo: Ática, 1994.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

GOUVEIA, R. M. C. **Os enfermeiros dos Programas de Saúde da Família e agentes comunitários de saúde construindo o ser mais por meio dos Círculos de Cultura**. 2000. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciência da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/78935>. Acesso em: 12 dez. 2025.

HEIDEMANN, I. T. S. B. *et al.* Reflexões sobre o itinerário de pesquisa de Paulo Freire: contribuições para a saúde. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 26, n. 4, p. e0680017, 2017. DOI 10.1590/0104-07072017000680017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/pdfHS9bS8fqwp5BTcPqL64L/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2025.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

MARTINS, A. K. L. **Círculos de Cultura em saúde mental**: perspectivas de equipes da Estratégia Saúde da Família. 2009. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/1843>. Acesso em: 12 dez. 2025.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2010.

MONTEIRO, E. M. L. M. **(Re)construção de ações de educação em saúde a partir de Círculos de Cultura**: experiência participativa com enfermeiras do PSF do Recife/PE. 2007. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/2068>. Acesso em: 12 dez. 2025.

MONTEIRO, E. M. L. M.; VIEIRA, N. F. C. Educação em saúde a partir de Círculos de Cultura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 3, p. 397-403, maio/jun. 2010. DOI 10.1590/S0034-71672010000300008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/dqqbpFdL5c7pV3W5WxKXJft/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2025.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, p. 63438, 2020. DOI 10.5216/revufg.v20.63438. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 15 nov. 2024.

OLIVEIRA, M. W. Lugares e intencionalidades no que fazer da pesquisa. *In*: CRUZ, P. J. S. C. (org.). **Educação popular em saúde**: desafios atuais. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 68-84.

PRADO, E. V. **As experiências e os saberes das apoiadoras institucionais da gestão da Secretaria de Estado da Saúde na Paraíba**: perspectivas baseadas no Círculo de Cultura. 2025. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/4b6653c5-3236-4209-aa94-76b39e177079/full>. Acesso em: 12 dez. 2025.

PUIGGRÓS, A. Historia y prospectiva de la educación popular latinoamericana. *In*: GADOTTI, M.; TORRES, C. A. (org.). **Educação popular**: utopia latino-americana. São Paulo: Cortez, 1994. p. 13-22.

ROMÃO, J. E. *et al.* Círculo epistemológico: Círculo de Cultura como metodologia de pesquisa. **Educação & Linguagem**, São Bernardo, v. 9, n. 13, p. 173-195, 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/376045915/Circulo-Epistemologico-Circulo-de-Cultura-Como-Metodologia-de-Pesquisa>. Acesso em: 12 dez. 2025.

SCHLEMMER, E.; LOPES, D. Q. Redes sociais digitais, socialidade e MDV3D: uma perspectiva da tecnologia-conceito ECODI para uma educação online. *In*: PATRÍCIA, L.; TORRES, P.; RECK, W. (org.) **Redes sociais e educação**: desafios contemporâneos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 1-15.

TONIOLO, J. M. S. A.; HENZ, C. I. Paulo Freire no âmbito da pesquisa: Os Círculos Dialógicos investigativo-formativos como possibilidade de reinvenção dos Círculos de Cultura e auto (trans)formação permanente com professores. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 519-537, 2017. DOI 10.5216/ia.v42i2.44026. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/44026>. Acesso em: 12 dez. 2025.

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular, um jeito de conduzir o processo educativo. *In*: VASCONCELOS, E. M.; CRUZ, P. J. S. C. (org.). **Educação popular na formação universitária**: reflexões com base em uma experiência. João Pessoa: Hucitec/Editora Universitária, 2011. p. 28-34.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e método. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Submetido em 19 de fevereiro de 2025.

Aprovado em 8 de dezembro de 2025.